
Além do descanso: os lugares da “folga” no trabalho em padarias (Rio de Janeiro, Brasil)

Antônio Carriço*

*Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social do Museu Nacional, UFRJ
ancarrico@yahoo.com.br*

Recibido: 22.12.17

Aceptado: 1.03.18

Resumo: Partindo de uma pesquisa etnográfica sobre o trabalho em padarias, realizada no Rio de Janeiro, proponho analisar os lugares que a “folga” (o dia na semana em que não se trabalha) ocupa e os processos que engendra nesse cotidiano. Mais que apenas a reprodução fisiológica da força de trabalho, estão em jogo: a) a mediação entre o trabalho e os demais aspectos da vida; b) oportunidades de mudar de posto ou consolidar uma posição, na folga de outro, ou o perigo de perder o lugar, seja por ausentar-se, seja por se recusar a trabalhar durante sua folga; c) a configuração de um “teste” para novos funcionários, pela supressão prolongada da primeira folga a que teriam direito. Ao conjugar dimensões individuais e coletivas, reprodução fisiológica, controle laboral, estratégias de trabalhadores e percepções sobre trabalho e esforço, a folga se revela um componente fundamental para compreendermos as percepções desses trabalhadores sobre sua atividade e sobre a maneira como se inserem no mundo.

Palavras chave: Padarias, Jornada de trabalho, Folga, Etnografia, Trabalho

Resumen: A partir de una investigación etnográfica sobre el trabajo en panaderías de Río de Janeiro, Brasil, propongo analizar los lugares que ocupa el

* Doutor em Antropologia Social pelo PPGAS/MN/UFRJ. Atualmente, desenvolve atividades de pós-doutorado na mesma instituição, sendo bolsista do CNPq. É também um dos coordenadores do Núcleo de Antropologia do Trabalho, estudos biográficos e de trajetórias (NuAT), na UFRJ.

día de "franco" (el día de la semana en que no se trabaja) y los procesos que genera en este cotidiano. Más que la simple reproducción fisiológica de la fuerza laboral, se ponen en juego: a) la mediación entre el trabajo y otros aspectos de la vida; b) oportunidades para que uno se cambie el puesto o consolide su posición, cuándo le toca el franco a otro trabajador, o, a su vez, el peligro de perderse el lugar, ya sea por licencia, ya sea por negarse a trabajar durante su tiempo libre; c) una "prueba" de su valor para los nuevos empleados, debido a la supresión prolongada de su primer franco. Al combinar dimensiones individuales y colectivas, reproducción fisiológica, control laboral, estrategias de trabajadores y percepciones sobre trabajo y esfuerzo, el franco se revela como un componente fundamental para entender las percepciones de los trabajadores sobre su actividad y sobre las maneras como se insertan en el mundo.

Palabras clave: Panaderías, Jornada de trabajo, Franco, Etnografía, Trabajo

Abstract: Starting from an ethnographic research on bakery work, held in Rio de Janeiro, I propose to analyze the places that the "gap" (the day in the week in which one does not work) occupy and the processes that engender in this daily life. More than just the physiological reproduction of the workforce, there are at stake: a) the mediation between work and other aspects of life; b) opportunities to change positions or consolidate one position, in the absence of another, or the danger of losing the place, either by absenting himself or by refusing to work during his time off; (c) the setting up of a "test" for new employees by the prolonged withdrawal of the first time they would be entitled to. By combining individual and collective dimensions, physiological reproduction, labor control, workers' strategies and perceptions about work and effort, the play proves to be a fundamental component in understanding the perceptions of these workers about their activity and how they are inserted in the world.

Keywords: Bakeries, Working, Leisure, Ethnography, Work

Introdução

Começo esse artigo com uma anedota de campo. Henrique era balconista de uma padaria durante parte do período em que eu a frequentei para realizar minha pesquisa de doutorado¹. Ele esteve lá enquanto eu mantinha uma rotina de lanches e conversas no balcão, e também durante as três semanas em que eu

¹ A tese foi conduzida no PPGAS/UFRJ, sob orientação do Prof. José Sergio Leite Lopes e financiamento do CNPq, e defendida em 2016 com o título "Chapa quente: perspectivas etnográficas sobre o trabalho em padarias".

estive ali empregado como padeiro². Franzino e inquieto, a uma primeira vista aparentando bem menos que seus 28 anos, ele parecia estar o tempo todo correndo pela padaria. “*Saiu pão?*”, ele me pergunta, pois tem uma entrega para fazer e depende de mim. Há alguns salgados na mesa, recém-saídos do forno, transbordando queijo e presunto para a assadeira. Não havia nem cinco minutos que Henrique reclamara comigo de estar sofrendo de diarreia, mas lá estava ele se aproveitando do excesso de queijo ainda quente - “*bom pra caramba isso aqui, né?*”. O pão ainda não está pronto: “*tem que esperar, mais uns cinco minutos*”, respondo. “*Esperar me atrasa... esperar me atrasa muito...*”; ele se impacienta e logo sai falando sozinho em direção aos andares superiores.

Era ele quem fazia o serviço mais pesado de limpeza: o banheiro e o piso da padaria, além dos baldes vazios porém engordurados de margarina. No mesmo tanque em que eu limpava todo dia uma pilha de assadeiras e utensílios e que dezenas de frangos eram deixados de molho antes de serem temperados, Henrique lavava as peças da máquina que assava esses mesmos frangos, ao final do dia. “*Tá limpinho ó!*”, ele me mostra orgulhoso. “*Tava preta, viu? Usei soda cáustica e um ácido lá*”. Reparo que ele usa apenas luvinhas de plástico finas e descartáveis nas mãos, as mesmas usadas pelos balconistas para lidar com os produtos na vitrine. “*Tem que botar luva mesmo, né?*”, comento com certo sarcasmo. “*É, mas essa aqui é muito fina, rasga à toa. Mas é boa que dá pra trocar no meio...*”

Certa vez, vi Henrique ir em direção ao banheiro com algum produto em mãos: “*vai ficar cheirosinho agora!*”. Como de costume, havia alguém pegando em seu pé, e a repreensão parecia vir tarde demais: “*Tem que lavar só lá pelas sete horas, agora vai ter trabalho dobrado, vai ter que fazer o serviço duas vezes. Não concorda comigo?*”. Ele não respondeu ao gerente, mas protestou comigo depois.

“Se eu faço reclama, se não lavo reclama também. Como é que eu vou lavar às sete, é cheio de entrega pra fazer! Não dá, aí vai Henrique correndo pra lá e pra cá. Pô, tenho que agilizar aqui, agora que tá mais tranquilo eu lavo, que depois aperta pro meu lado, aí não dá pra lavar direito.”

² A idéia de empregar-me em uma padaria para realizar a pesquisa, inspirada nas obras de Weil (1979), Linhart (1980) e Roy (1953), mas também uma resposta a dificuldades de acesso ao campo, surgia como possibilidade em decorrência da minha pesquisa de mestrado, quando acompanhei como aluno e pesquisador um curso de formação de padeiros no SENAI. Sobre essa experiência anterior, ver Carriço, 2012, 2013 e 2018.

“Balconista sofre, né?”, me solidarizei, ciente da rotina pesada que enfrentam os que se aventuram pela posição. Eu havia estado em seu lugar alguns meses antes e, como tantos outros, “não havia aguentado”³. “Não, eu entrei de balconista, mas agora eu sou fax-ludo⁴ aqui. Mas aí, eu tô louco pra sair daqui”. Sua decisão me parecia totalmente lógica, e o incentivei a procurar outra coisa: “é, você tá novo ainda, dá pra fazer muita coisa, né? Muito trabalho, aqui, né? Muita exploração”.

“Não, é que eu tô chateado aí, que querem trocar a minha folga de novo, de terça pra segunda... aí isso me magoa, sabe? Querem passar num sei quem pra amanhã, mas aí, eu vou vim amanhã mesmo e faltar na terça, quero nem saber. Segunda não dá não, é muito ruim pra resolver os problema, né? Não dá pra resolver os troços não, segunda.”

Sua resposta me surpreendeu ao trazer um aspecto que parecia ser mais importante para ele que a minha avaliação das condições de trabalho em uma padaria. Além disso, explicitava que nossas experiências em relação àquela atividade não eram tão facilmente aproximáveis. Quando via Henrique, em seu ritmo acelerado usual, subir e descer escadas carregando sacos enormes de restos de laranjas, lavando minuciosamente a máquina de assar frangos com soda cáustica e “um ácido lá”, protegido apenas por uma luvinha descartável, ou

³ Em um contexto de um cargo considerado de baixo prestígio dentro do comércio, onde nem uma ideia de balconista como uma profissão nem as divisões internas das tarefas e funções parecem desempenhar um papel importante na elaboração daqueles trabalhadores sobre seu lugar no mundo do trabalho (e além), a dinâmica de uma relação simbólica entre a persistência e a desistência - ou entre aqueles que permanecem e os que não aguentaram - se estende ao nível das relações internas através de uma oposição entre funcionários mais antigos e os mais novos. A associação entre o novato e a rotatividade, particularmente a partir da noção da desistência, engendra uma relação que pode ser compreendida através do que Elias e Scotson (2000) apresentam como uma dinâmica entre estabelecidos e outsiders, uma dinâmica de classificação e distinção dentro de um contingente de pessoas que, aparentemente homogêneas sociologicamente em relação umas às outras, se conformam enquanto grupos desigualmente valorizados e simbolicamente conflitantes, embora vinculados de forma interdependente. Dinâmicas de estigmatização e construção de reputações se assemelham nos dois casos, tendo em vista, inclusive, ser semelhante o eixo em torno do qual se estrutura a legitimidade do grupo estabelecido: a maior antiguidade no local.

⁴ Considerando o exposto na nota anterior, “fazer de tudo” é uma noção corrente pela qual se apresentam os balconistas, diante da aparente insuficiência do cargo como demarcador por si mesmo.

trabalhando duro mesmo acometido por uma diarreia, me chamava atenção o nível de exploração a que se submetia. Ele reclamava de seu trabalho, mas não diminuía sua intensidade e nem parecia se preservar. Do meu ponto de vista, a seguir esse ritmo, logo não haveria muita diferença entre ele e os bagaços de laranja que carregava. No entanto, apesar de tudo o que eu via ali, era uma “simples” troca do dia de folga que o magoava e o fazia desejar trocar de emprego, e era a respeito de sua folga que ele procurava agir.

Esse contraste de visões é importante e diz mais que uma simples “consciência de classe”, “politização” ou algum conceito do tipo. Afinal, se o sentido de uma pesquisa antropológica sobre o trabalho está, em última análise, em recuperar os sentidos que ele assume para e a partir de sujeitos específicos, que se conformam e se entrelaçam em sua vida cotidiana, é preciso, então, que se leve a sério e se busque compreender, inclusive e principalmente, aqueles aspectos que parecem mais evidentes a um pesquisador –particularmente, nesse caso, a “folga”, aquele dia em que “não se trabalha”. Com efeito, o dia de folga não aparece apenas nesse diálogo com Henrique; pelo contrário, é tema frequente nas conversas de todos aqueles balconistas com quem interagi, e apresenta certa centralidade na maneira como estes concebem uma relação entre trabalho e vida.

Essa relação “dentro” e “fora” do local de trabalho é explorada de diversas maneiras pela literatura, que aponta a insuficiência das fronteiras físicas da “fábrica” para um entendimento a fundo das relações de produção, sobretudo no que se refere à dominação que se exerce aí. Florence Weber, José Sergio Leite Lopes, Federico Neiburg, Paul Willis, Michael Pialoux e Stephane Beaud e Kimi Tomizaki são alguns dos autores que mostram, por diferentes perspectivas –pela análise das estratégias paralelas e alternativas de fonte de renda que atravessam a condição dos trabalhadores de Montbard, na França (Weber, 2009); da concessão de terras para moradia e roçado pelos patrões aos trabalhadores das usinas de açúcar e a extensão de sua dominação à esfera doméstica, bem como a interpenetração dessas esferas através do sono e do cansaço, no Nordeste do Brasil (Leite Lopes, 1978); de sistemas de favores e dívidas promovidos pelo domínio duplo da produção e reprodução através da formação de vilas operárias, que concentram e regulam a mão de obra e fomentam culturas operárias particulares (Neiburg, 1988); das relações entre trabalho, emprego e educação (Willis, 1991), bem como dos projetos e estratégias complexos e ambíguos envolvendo a socialização de diferentes gerações de operários do setor automobilístico na França e no Brasil (Beaud e Pialoux, 2009; Tomizaki, 2007)-, que é preciso integrar às análises a comunidade, os projetos, o lazer, as estratégias e cálculos econômicos, inclusive para fazer jus

à condição de sujeito social desses trabalhadores e apresentá-los como mais que meras peças em uma engrenagem (embora em certos sentidos também o sejam, e essas ambiguidades ganham em complexidade quando assumidas pelo analista). Esse artigo pretende contribuir nessa linha de imbricações entre o trabalho “para dentro” e “para fora”, investindo sobretudo nos efeitos desse momento de “descanso”, do que seria um tempo de “não-trabalho”, dentro das próprias relações cotidianas de uma empresa, sem pretender, no entanto, esgotar suas implicações. É sobre a multiplicidade de sentidos que a folga mobiliza, para aquelas pessoas com quem convivi durante certo período em algumas padarias do Rio de Janeiro, em suas atividades, que se dedica este artigo⁵.

Uma breve contextualização

Em que consistem as padarias a partir das quais escrevo esse artigo? É importante demarcar, ainda que brevemente, algumas características desses estabelecimentos a que me refiro. Uma primeira observação, seguindo Foot-Whyte (1948), é que seria bastante enganoso resumir o setor de comércio de alimentos, como bares, padarias e restaurantes, a um só modelo: pelo contrário, cada estabelecimento poderia ser considerado como uma forma social específica, tamanha a diversidade que encontramos. Mesmo estabelecendo o recorte analítico de estudar “padarias”, a variedade é maior do que se poderia supor. As que trago aqui, para começar, são bastante diferentes das que Bertaux e Bertaux-Wiame (1980) lidam na França, por exemplo, no sentido de que o componente familiar da mão de obra encontra aqui certos limites, restringindo-se sobretudo ao comando e propriedade da empresa, mas que de forma alguma passa pela associação entre um padeiro e sua esposa. Outra diferença fundamental é no tipo de produto que se vende. Ao contrário do que sugere o nome, as padarias a que me refiro são como pequenos supermercados, já que pães e derivados dividem o espaço com todo tipo de mercadoria: pilhas, canetas, alimentos industrializados, bebidas, detergente, curativos... Um aspecto marcante, porém, se refere à multiplicidade de formas de consumo. Como em um bar, existe na maioria das padarias um espaço voltado ao consumo de café, sucos, pequenos lanches ou mesmo refeições e que se realiza no próprio local. Este é o balcão, onde os balconistas atendem os clientes e preparam eles mesmos esses lanches. O tamanho do balcão varia de acordo com o espaço

⁵ Trata-se de uma sistematização do capítulo 3.4 da minha tese (Carriço, 2016a). Uma primeira versão desse texto foi apresentada na RAM de Posadas, em 2017.

físico da loja, assim como o número de funcionários que ali trabalham: de um a três, nas menores, até cerca de oito balconistas por turno, nas mais robustas. Os balconistas, em teoria, assim como os caixas, padeiros e confeitadores, respondem aos gerentes, que estão sujeitos aos patrões, todos interagindo em algum momento com os clientes. Na prática, porém, essa é uma configuração bem mais complexa, como argumento em outro texto (Carriço, 2016b), onde o tempo de serviço influencia muito mais que a posição formal que cada um ocupa.

Esse espaço do balcão, ao permitir que uma pessoa passe ali um tempo e possa acompanhar as atividades dos funcionários, conversar com eles e com outros clientes, foi essencial para essa pesquisa. Se a idéia original de ter o próprio pesquisador trabalhando ele mesmo como padeiro se revelava bastante difícil, na prática, as conversas com alguns balconistas rendiam bastante, e foi através dessa aproximação, realizada pacientemente do final de 2012 a 2015, que consegui as vagas de padeiro, na Padaria Serrana, e balconista, na Panificadora Amizade -por opção minha, os nomes são todos fictícios e as localidades estão bem pouco precisadas, de modo a evitar qualquer prejuízo para pessoas ou empresas mencionadas.

Várias foram as padarias frequentadas por mim durante esse período, uma vez que se trata de um setor com pouca concentração de capital (apenas na região onde eu residia havia mais de dez que se enquadrariam na classificação), e creio que a análise é válida para todas, de modo geral, não obstante as particularidades de cada uma, pois funcionam basicamente da mesma forma, no que se refere aos interesses deste artigo. Algumas delas, porém, possibilitaram um investimento maior, em especial a Padaria Serrana, o movimentado local onde trabalhei como padeiro e de onde provém a maioria das situações narradas aqui. Em relação às citações e situações narradas, tendo em vista o tipo de relação que travava com aquelas pessoas (conversas informais, atravessadas pelo cotidiano da padaria), esclareço tratem-se de reconstituições produzidas tão logo fosse possível passar as situações vividas

para o papel, e nas quais procurei manter ao máximo a intenção e o modo de se expressar de cada interlocutor.

Além do descanso

A primeira providência, para explorar mais a fundo a questão das folgas, é deixar de lado, momentaneamente, a associação entre a folga e o descanso, que aparece de maneira automática, por exemplo, na própria Consolidação das Leis do Trabalho, o regimento que regula as relações de trabalho no Brasil⁶. Fala-se, aí, em um “descanso semanal”, conforme seu Artigo 67: *“Será assegurado a todo empregado um descanso semanal de 24 (vinte e quatro) horas consecutivas, o qual, salvo motivo de conveniência pública ou necessidade imperiosa do serviço, deverá coincidir com o domingo, no todo ou em parte”*. Retornaremos a este aspecto mais adiante, pois ele é, sem dúvidas, fundamental. Antes, porém, podemos nos perguntar por outros sentidos operados por essa categoria.

Se examinarmos a conversa com Henrique, perceberemos que sua mágoa não tem relação com a supressão de um período de descanso, como se poderia imaginar – afinal, sua folga não estava sendo cortada, apenas passada de um dia para o outro. Qual o problema, então? Ele fala que o dia ao qual lhe designariam a folga não lhe permitiria resolver as coisas (*“segunda não dá não, é muito ruim pra resolver os problemas”*). Ele provavelmente se refere ao fato de que é de praxe, na cidade, que parte do comércio e outros serviços funcionem apenas durante a tarde, na segunda-feira, o que, aliado a uma maior procura pela população, dificultaria qualquer tentativa de pagar contas, fazer compras ou ir ao médico, por exemplo. Talvez, como para Alessandra, segunda-feira fosse, ainda, um dia estratégico em que ele pudesse fazer alguma coisa específica: *“pediram assim, né: ‘vamos trocar sua folga de quinta pra terça.’ Aí eu não posso fazer meu curso [um tão seu*

⁶ Ou regulava, no momento em que a pesquisa foi feita, antes da reforma trabalhista do Governo Temer.



trabalha com edição e áudio para televisão]. Eu sou nova na casa, não posso falar nada, né? Tenho seis meses só”. Outra colega observou que, com a entrada de uma nova funcionária no balcão, Alessandra teria preferência sobre ela, e poderia usá-la como argumento na negociação: “ela pode folgar terça e tu folga na quinta”. Quando um dos gerentes passou por ali, Alessandra o chamou e lhe explicou a situação. Ele se esquivou, alegando que no dia seguinte (uma segunda-feira) não estaria ali; que ela procurasse, então, um dos demais gerentes. Alessandra não teve sucesso em seu pedido, e era visível o ar de frustração: “disse que na semana que vem muda... mas fica nisso, né?”

Ambos os casos revelam um aspecto central da folga segundo esses trabalhadores: mais que um dia de descanso, trata-se de um momento estratégico de mediação entre a esfera do trabalho e o restante de suas vidas, seus afazeres cotidianos, projetos e aspirações. Os funcionários trazidos aqui trazem em suas falas pontos que permitem um contato com diversos contextos laborais mundo afora. É interessante, nesse sentido, explorar aproximações e especificidades que se revelam nessas comparações. “Ir a la cancha”, por exemplo, no caso estudado por Guiamet (2017), sobre jovens trabalhadores de uma cadeia multinacional de supermercados em Rosario, na Argentina, é uma das principais fontes de mobilização em relação aos dias livres e às trocas que se estabelecem em torno deles. Esse é um contraste grande com o que pude analisar nas padarias a que me refiro, no sentido de que eventos relacionados ao lazer e à diversão⁷ não aparecem como justificativas legítimas para essas trocas, por um lado, e nem mesmo se conformam, no nível do discurso, como algo relativo a um dia específico da semana – a folga como oportunidade para se divertir⁸. Pelo contrário, os afazeres narrados envolvem capinar o terreno de sua casa, ajudar familiares ou vizinhos em alguma reforma, fazer um curso, ou até uma fonte de renda alternativa, como a confecção de salgados para venda - nesse caso, a folga seria não o oposto do trabalho, e sim uma oportunidade de uma outra fonte de renda.

⁷ Seria possível, por outro lado, problematizar a redução desse hábito como um mero “lazer”.

⁸ Por outro lado, as possibilidades de brincar e se divertir aparecem na fala de alguns balconistas mais estabelecidos como aspectos valorizados do próprio trabalho no balcão – rir, comer salgadinhos escondido, provocar uns aos outros, conversar com clientes –, no que estabelecem uma oposição e um contraste entre sua posição e a de um gerente, que, do alto da hierarquia formal de cargos, não disporia dessa condição (Carriço, 2017)

O lugar da folga como momento privilegiado de mediação fica mais evidente quando se consideram as características da jornada de trabalho nas padarias em questão e na maneira como a interpretam seus funcionários. Analisemos brevemente o tempo dispendido por essas pessoas em seus empregos na padaria: o turno da manhã começa às 6h e termina às 14h; o da tarde vai de 14h às 22h. Seriam oito horas diárias, não fosse o fato de que, para abrir às 6h, a padaria passa por preparativos que se iniciam por volta das 4 da manhã: fazer café, assar pães e salgados, esquentar a chapa, arrumar a vitrine... Da mesma forma, se a padaria fecha as portas às 22h, os funcionários não saem antes das 22:30, até que se limpe o chão, a chapa, o balcão, que se recolha o lixo etc. Trata-se, portanto, de uma jornada que se estende por até duas horas além das oito horas de duração de um turno da padaria⁹. Embora presente na rotina desses funcionários, as horas trabalhadas na preparação da padaria não parecem ser contabilizadas no cálculo do salário – ao menos não na percepção dos próprios trabalhadores, que, quando perguntados por mim a esse respeito, reagiram com a conformação diante de algo inevitável, mas sem qualquer esboço de ação¹⁰. Feriados, por outro lado, eram amplamente

⁹ De meio dia às oito, o meu próprio horário escapava a essas zonas de abertura e fechamento, “reduzindo” minha jornada real para oito horas diárias.

¹⁰ “*Mas e o sindicato?*”, perguntava, tentando contornar a postura conformada que encontrava. “*É tudo comprado, Antônio. Você tá só começando, não sabe de nada...*”. O sindicato aparece de forma espontânea apenas como unidade de medida de salário, quando se refere ao piso salarial: “*o que se paga é pelo sindicato, 700 reais* [valor aproximado para um balconista na época da pesquisa]”, por exemplo. Seria interessante, no entanto, historicizar a consolidação desse regime de trabalho no setor, incluindo aí tanto o sistema atual de folgas quanto a relação com sindicatos. Esse esforço, que excede as possibilidades desse artigo, poderia revelar cenários menos estáveis e expor controvérsias e disputas políticas atualmente adormecidas.

antecipados e calculados, pois implicavam um ganho maior, nesse dia, para quem trabalhasse – as padarias funcionam normalmente em praticamente todos os feriados, e por isso folgar em um feriado, do ponto de vista financeiro, era considerado como algo ruim.

Em termos absolutos de número de horas, enfim, essa é a rotina de trabalho nas padarias que pesquisei, uma rotina que ocupa pelo menos seis dos sete dias da semana, durante todo o ano: uma folga por semana em um dia pré-definido, que é trocado pelo domingo uma vez por mês. Ao repetir-se dia após dia indefinidamente, essa configuração da jornada nas padarias imprime marcas importantes na organização e gestão das vidas das pessoas a elas vinculadas, conformando uma temporalidade particular que atravessa as de trabalhadores de outras áreas. Por exemplo, fica abalada, ao mesmo tempo que resta como referência externa da própria condição a que se submetem, a concepção da semana como uma unidade de tempo baseada em uma dinâmica de oposição simbólica entre um “fim de semana”, composto por dois dias e marcado pela liberdade e diversão, e os 5 “dias úteis” marcados pelo trabalho e responsabilidades¹¹. Seja pela quantidade de horas dispendidas na padaria, pelo reduzido período de não-trabalho durante a semana ou pelo caráter rotineiro e insistente do trabalho, essa temporalidade própria desse tipo de organização laboral produz “ruídos” e atritos quando inseridas em dinâmicas que envolvem outras formas de vivenciar o tempo.

¹¹ Barbosa (1984) compara as formas de conceber os dias da semana de grupos de mulheres operárias e burocratas de nível médio, buscando desnaturalizar a noção de tempo e compreender como se estrutura uma temporalidade culturalmente constituída.

Os balconistas se utilizam da metáfora da *prisão* para dar conta simbolicamente desse seu dia-a-dia como funcionários de padaria. Daiane, por exemplo, afirmou em uma conversa comigo: “*Tô cansada... se me mandarem embora hoje ia até gostar. Um ano e oito meses nisso, fica muito cansada, não tem vida! Te prende, todo dia...*” Ela disse que tirou folga naquela sexta-feira, mas teve que fazer faxina em casa. Na sexta seguinte levaria o filho ao médico, e só na outra semana poderia descansar. Incentivei seu desabafo: “*e não sobra nada, né? Eu tô só há oito dias e o cansaço vai acumulando...*” Ela me perguntou se era recém-casado e contou o que lhe havia acontecido.

“Por exemplo, tu pega meio dia às oito, que que sobra? Meu casamento acabou por isso. Dois anos de casada. Eu não tinha tempo pra sair com ele, pra ficar com ele, que que aconteceu? Ele me trocou por uma que tinha tempo pra ele, né? Agora só que eu percebi isso, só depois de um ano e oito meses. E trabalhava. Tinha que trabalhar, né? Trabalhar pra que, se ganha o dinheiro e não tem tempo de usar pra você?”

Luizinho fala sobre o assunto de maneira semelhante: “*só aqui tô há 22 anos. Só aqui. Mas já trabalhei em restaurante por aí, bar... já trabalhei também com solda, em mecânica... Quando sair daqui não quero mais saber de padaria não. É muito peso. Fica muito preso, não tem domingo... fica muito preso*”. Marcos, também balconista no momento da pesquisa, mas cuja trajetória incluía períodos em que trabalhou como gerente, pinta com alguma amargura essa época em que ocupava uma posição intermediária entre patrões e demais funcionários, associando-a à escravidão.

“(...) eu tava até falando com a mulher, foi melhor assim... [sobre uma proposta de trabalho que não vingou]. Eu trabalhei 21 anos com eles, e ia ser escravo de novo. Dinheiro não é tudo. Eles falavam que iam chegar seis horas e chegavam às nove. A minha mulher ficava com o carro esperando, né, porque seis horas ainda dá pra pegar um cineminha, namorar... aí eu até falava, é, amor, hoje não vai dar não, vai pra casa... (risos) Aqui eu sei que saio 14h, sempre...”

Ainda que Marcos suavize a “*prisão*” de sua atual posição de balconista através da exaltação de uma certeza maior em relação a horários – é preciso entender que sua fala se refere a uma comparação entre cargos na qual ele propõe de certa forma subverter a hierarquia oficial valorizando a posição de menor prestígio que ocupava naquele momento -, as conversas narradas parecem indicar que, mais que o desgaste físico e mais até que a questão financeira, é o próprio tempo



que aparece como tomado pelo trabalho¹². “*Tem vida social?*”, me perguntou retoricamente um balconista, indicando que eu não teria mais e já me alertando a respeito das consequências da jornada de trabalho no setor, enquanto eu ainda buscava um emprego.

Para compreender mais profundamente os sentidos dessa prisão, no entanto, não basta que nos detenhamos sobre a folga como algo que afeta o trabalhador apenas fora da padaria. Seja como “perigo”, oportunidade ou como prova para os recém-chegados, esse dia em que não se trabalha na padaria é um elemento fundamental para a própria dinâmica laboral do estabelecimento, conforme me indicavam certas conversas e fofocas que conseguia “pescar” durante o expediente. A esse respeito, é preciso considerar que, como um novato, recém incorporado ao quadro de funcionários da padaria, eu tinha alguma dificuldade de compreender boa parte das conversas que escutava, tanto por não estar devidamente inserido naquele circuito de informação quanto por não conhecer as pessoas às quais se referiam. Das fofocas, feitas de meias palavras, para bons entendedores, não pegava senão o espírito da coisa, o cheiro de intriga no ar. Ainda assim, percebia claramente essa importância em uma série de conflitos e intrigas envolvendo faltas, folgas e férias, que infelizmente não tenho como reproduzir aqui justamente pela dificuldade de captá-las em totalidade ou de narrar seu caráter fragmentado de modo consistente.

De toda forma, a folga aparece, em primeiro lugar, como um instrumento de manobra e como “moeda de troca” usados tanto pelo patrão quanto pelos empregados¹³. Trabalhar em sequência para acumular um crédito de folgas (ou para compensar faltas) é uma solução, por exemplo, se é preciso ausentar-se por um período mais longo. Foi o que fizeram Marcos, na Padaria Serrana, para poder passar uma semana com sua neta recém-nascida, e Cleiton, na Panificadora Amizade, para cuidar de sua esposa após a morte de seu filho. Em casos mais pontuais, pode-se negociar entre os próprios funcionários algumas trocas, como na situação descrita a seguir.

¹² A fala de Marcos mostra, nesse sentido, que isso não é exclusividade dos funcionários de “baixo escalão”, digamos, e que desafia também gerentes e patrões. Em outros momentos, Marcos valoriza sua posição atual de balconista pela ausência da *responsabilidade* que “escraviza” o “alto escalão” de uma empresa e o impede de ter uma relação menos “comprometida” com seus rumos. Uma análise mais profunda dessas aparentes contradições envolvidas em sua trajetória está em Carriço, 2017.

¹³ Uma análise mais detida nesse aspecto pode ser vista na pesquisa de Guiamet (2017), relativa ao contexto de uma rede de supermercados em Rosario, Argentina.

Denis falava com outro balconista a respeito de um plano para alterar sua folga naquela semana: *“vou falar com a Jaqueline [balconista] pra trocar aí, aí eu fico domingo e segunda”*. Seu interlocutor quis apontar um problema (*“vai faltar gente, eu folgo também...”*), mas Denis o interrompeu: *“Não, tu é da entrega, tu faz só entrega. Não tem nada a ver. Tem que ver um dia aí que esteja tranquilo, aí eu vou ali pra padaria, fico ali o dia todo”*. Seu Jairo, gerente, chegou próximo ao balcão e os repreendeu de forma bem-humorada: *“ó, se não estiverem fazendo nada aí... [tem gente no balcão para ser atendida]”*. Denis aproveitou a deixa para comunicar a ele seu plano. Ele disse para um outro balconista que estava também do lado de fora do balcão: *“já avisa o Seu Jairo aí que eu fico em casa domingo e segunda”*. *“Não quer ficar terça também não?”*, lhe respondeu diretamente o patrão. *“Pode ser!”*, e eles riram.

Casos como esse são interessantes porque trazem à tona algumas contradições das relações e hierarquias “informais” que regem o funcionamento da padaria, especialmente no que tange à pouca ênfase dada no discurso corrente dos balconistas a funções específicas, preponderando a idéia de que “se faz de tudo”. Isso aparece na cena citada, quando Denis precisa levar em conta e explicitar, para eles mesmos, aquilo que fica em segundo plano no discurso habitual: que existem posições e funções diferentes e distribuídas entre os funcionários, embora somente em algumas circunstâncias seja relevante demarcá-las. O diálogo constitui também uma espécie de exceção que confirma a regra, já que mesmo aí as posições exatas aparecem não como dadas, e sim como objeto de discussão, nebulosas e incertas, no momento em que se forjam estratégias para folgas.

O que o diálogo não explicita totalmente é a posição que Denis ocupa nas configurações hierárquicas que regem o funcionamento cotidiano da padaria. Denis é “da elite”, como ele mesmo coloca – um balconista que permanece em seu posto há muitos anos e se consolida através da distinção entre sua permanência e os que “não aguentaram”, por um lado, e os “novatos”, que ainda teriam muito a provar. Essa hierarquização informal dos empregados é reforçada pelos patrões, por exemplo, se não tanto por um salário substancialmente maior¹⁴, através da concessão de uma margem maior de manipulação em relação a folgas, como visto – a troca foi concretizada, apesar

¹⁴ As falas dos próprios balconistas indicam salários semelhantes entre eles, não apresentando variações condizentes com as hierarquizações informais relativas à antiguidade na função.

do que possa dar a entender o desfecho bem-humorado, porém ambíguo, dado pelo patrão ao diálogo¹⁵.

Outra prática comum em relação à folga é sua supressão pela própria padaria (através de algum gerente), que assim dispõe de um funcionário em seu dia livre. Essa decisão pode ser acordada antes ou, caso alguma pessoa tenha faltado, vir de surpresa, a qualquer hora do dia, com um simples chamado por telefone. Trata-se, por um lado, de uma demonstração clara da relação assimétrica em que se envolvem padrões e empregados na padaria e dos meios que os primeiros dispõem de ter os segundos a seu alcance para além dos limites físicos da loja e da duração da jornada de trabalho¹⁶. Por outro lado, contudo, deve-se considerar que, também para aquele que se vê submetido a estas aparentes arbitrariedades em relação à condução da sua vida, mostrar-se disposto a trocar sua cama pela empresa significa buscar a confiança do patrão e sua afirmação entre os funcionários, uma estratégia para assegurar seu emprego que se baseia em uma espécie de dívida moral do dominante para com o dominado – ao menos essa é a expectativa. Essa relação ambígua dita o clima das relações hierárquicas mais agudas entre empregador e empregado: uma tensão permanente, misto de rancor e dependência, lealdades e expectativas: *“qual vai ser a cara do patrão quando eu pedir trinta dias de férias?”*, pergunta Cristina, a caixa, a Luizinho. Ela própria responde: *“vai ser a mesma que ele faz quando fala que eu não vou tirar folga...”*

Mais que isso, porém, o fato de que este chamado em pleno dia de folga é normalmente acatado revela um outro aspecto da folga: sua dimensão de ausência. Nota-se, neste caso, a ausência de um outro, que deve ser suprida por aquele que está de folga, e uma outra ausência que seria produzida pela negação a esse “pedido” – uma ausência física, mas também simbólica, a falta de um “dispor-se ao trabalho”, que poderia ser cobrada mais adiante¹⁷. Há, deste

¹⁵ Um novato, por sua vez, jamais disporia de tal liberdade para uma iniciativa como esta, como veremos mais adiante.

¹⁶ Nesse sentido, a prisão evocada pelos funcionários dessas padarias se aproxima ao “cativoiro” apontado pelos operários do açúcar estudados por Leite Lopes (1978).

¹⁷ Inclusive após o funcionário ter deixado de trabalhar em determinada padaria. É comum entre gerentes e padrões a prática de pedir recomendações a gerentes de outras padarias sobre pessoas que se candidatam a uma vaga. Essa prática pode motivar conflitos intensos entre ex-funcionários e gerentes, envolvendo agressões físicas, ameaças de morte e a contratação de seguranças particulares, em casos mais extremos que cheguei a acompanhar durante a pesquisa. Tais conflitos indicam que é

modo, uma dimensão de *perigo* inerente à ausência. Ausentar-se, seja através de uma folga, de férias, de uma falta ou de uma recusa a trocar a necessária folga por mais um dia de trabalho, é mostrar-se dispensável e arriscar perder seu lugar para alguém. “*Eu entro com a bunda e ele [o patrão] com pé*”, ouvi algumas vezes em situações que não pude contextualizar totalmente, mas com essa idéia de que se está colocando o emprego em risco, ou mesmo que se está “dando motivo” para isso.

O reverso do perigo é a oportunidade: a ausência de um funcionário é a chance de se trocar de turno ou de função (sair do balcão para o caixa ou para a produção, por exemplo), ou mesmo de se provar dentro da própria função, na ausência de colegas mais experientes, momento em que o funcionário é testado de maneira mais direta. Ainda em relação a essa outra faceta da oportunidade, a dimensão de *provação* nela envolvida, é preciso destacar uma prática corrente dessas padarias: conceder um dia de folga aos novos funcionários somente após duas semanas de trabalho, e não após sete dias.

“*Novato folga com quinze dias, depois é toda semana*”, me haviam dito as balconistas quando assumi a função de padeiro. No início, reagia com preocupação: “*não sei se duro até lá*”. À medida que se passavam os dias, fui assumindo um tom de maior irritação e ameaça: “*Quinze dias sem folga? Eu saio antes*”. São sérias as consequências de uma distração em uma padaria, e a necessidade de descansar regularmente deveria ser algo básico, a meu ver. Mas essa não parecia ser uma questão tão importante para as outras pessoas. “*Mas quinze dias é logo ali*”, “*já é essa semana*”, insistiam as balconistas. Talvez quisessem apenas me incentivar, mas me intrigava o que eu percebia como uma naturalização ou aparente apatia frente ao que me parecia uma sobre-exploração da força de trabalho. Por que tanta convivência, por que tanto medo? “*É só agora, depois folga toda semana*”; “*voce sabe que tão te testando, né?*”.

Eu não era o único que estava sendo testado ali. Pouco após minha entrada, um novo balconista havia sido incorporado ao quadro de funcionários. Seu nome era Claudio, e seus quinze anos de idade, aliados ao cabelo loiro, logo lhe renderam o apelido de Bieber, em alusão ao cantor. Em seu terceiro dia, sentado em um canto da escada, perto do lixo, disse para mim que seu nariz estava sangrando (“*de novo*”), e me pediu que chamasse um gerente. “*Assim não dá, não tem condições de trabalhar. De novo? Vamos ter que arrumar outra pessoa, não pode ficar*

bastante rigorosa a avaliação que fazem de seus funcionários os patrões, e a disponibilidade ao trabalho poderia ser um desses critérios.

sem entregador.” Ele teve de substituí-lo pela segunda vez nas entregas, e todos especulavam sobre sua situação.

Claudio voltou no dia seguinte, para minha surpresa, mas os gerentes todos já estavam a seu encalce. Uma entrega errada e era possível escutá-los de longe. “*Cadê o Bieber?*”, me perguntou Hélio, um gerente, me mandando bater na porta do banheiro para ver quem estava lá – era ele. “*Cara, vamos lá, tá cheio de entrega pra fazer!*”. Se Claudio começava a encher os baldes para limpar o piso às 19h, como fazia Henrique, Hélio o repreendia: “*que que tu tá fazendo? Não, tá cedo, tem muita coisa pra fazer, vai lá, deixa isso aí!*”. Nesse dia em particular, Claudio reclamou várias vezes comigo sobre o que via como uma “perseguição”: “*não pode nem comer chiclete? Porra...*”

Sua folga entrou em questão nos meus últimos dias na padaria. “*Dez dias, tá cansado*”, “*tem que folgar*”, comentávamos. “*Só semana que vem*”, decretou o gerente. Logo fizemos as contas: trabalharia por três semanas sem pausa. Luizinho resumiu a impressão de todos com a elegância própria daquele circuito de conversas: “*eles querem é que tu tome no cu. Não vai aguentar... Se já é assim normal, cansado vai se foder*”. O próprio Claudio já chegou à padaria reclamando, às duas horas: “*vai tomar no cu!*” - ele parecia falar sozinho ao cruzar a porta de entrada. “*Já tá assim a essa hora?*”, observei, rindo. “*Porra, ontem bebi pra caralho, veio, vomitei, caí no chão, bebi muito, o Pedro [um balconista] teve que me levar pra casa... nem dormi, mermão*”. Após saber que não folgaria tão cedo, tentou aparentar indiferença e manter a pose, conversando comigo: “*foda-se, vou sair daqui e fumar pra cacete*”, disse, com um gesto que aludia à maconha.

Se estávamos sendo testados, tanto eu quanto ele, era evidente que não era por nossas habilidades para os respectivos serviços. O que estava em jogo era nossa capacidade de suportar aquela carga pesada, tanto material (assadeiras, baldes, sacos de farinha e lixo, a jornada longa e intensa) quanto simbólica (a valorização do esforço individual sobre a exploração). Não é coincidência que minha demissão tenha se dado poucos dias após tomar a iniciativa de cobrar do gerente minha folga. Já alertavam Bertaux e Bertaux-Wiame:

“O mais fácil é aprender como fazer o pão: um intelectual pode fazê-lo. (...) Aprender o ofício não significa aprender como fazer o pão, mas adquirir o ritmo necessário para fazê-lo nas relações artesanais de produção atuais. Isso também significa ser capaz de trabalhar rapidamente por dez horas, comer, dormir um pouco, e retornar ao trabalho por umas poucas horas durante a tarde, dia após dia.” (1987: 137)

Claudio permaneceu mais algumas semanas na padaria. Como tantos outros, porém, também ele acabou a deixando em pouco tempo.

O descanso, enfim

Tratar da folga nessas padarias, portanto, permite enveredar pelo que seria a “vida pessoal” do trabalhador - as atividades que este desempenha além do posto de trabalho -, ao mesmo tempo em que se revela uma maneira produtiva de analisar as relações, conflitos e estratégias que se tecem no próprio cotidiano da padaria. Apresentados os lugares que a folga ocupa nesse emaranhado, compreende-se em grande parte a centralidade que ela assume nas falas e nos ressentimentos desses trabalhadores.

Resta, no entanto, um último aspecto a destacar em relação à folga, e ele se refere justamente àquela primeira idéia que trouxe ao introduzir o tema, mas que deixei em segundo plano para avançar nos caminhos menos intuitivos que as conversas apontavam: o descanso e a recuperação de energias. Embora não seja este o ponto elaborado como central nos argumentos desses trabalhadores (este lugar é ocupado pelo tempo e pelos perigos e oportunidades que a folga produz, associada à ausência), ele aparece em muitas de suas falas.

“É muito puxado. Acordo três da manhã... fica em pé nove horas por dia aqui, faz isso, aquilo, a semana inteira. Aí quando folga, o cansaço tá acumulado. Um dia só o cara não descansa, só com dois, três dias, no terceiro dia que ele se sente melhor. Eu folguei ontem. Aí fiquei, descansei, descansei mesmo, sexta de tarde, sábado inteiro e aí chega sábado de noite, hoje de manhã que começa a se sentir mais disposto, melhor, aí já pega aqui de novo”. (Marcos, balconista)

“A gente fica alterado. O sono fica alterado, a fome fica alterada... às vezes tá com fome e não pode comer, tem que segurar a onda que não dá pra sair aqui, aí quando tem que tomar um café o estômago não tá direito, tá sem fome, aí força um pouco. Não dorme direito, fica cansado...” (idem)

Os padeiros também deixavam bem claro o quanto estavam cansados, e um deles chamou atenção para a mesma coisa que Marcos: *“um dia só de folga não dá, tô cansadão”*. Estávamos os quatro padeiros modelando pães em volta de uma mesa, e eu percebia, ali, que não era o único a sentir os efeitos do trabalho na padaria. Longe de simplesmente aumentar sua resistência e força, os anos de experiência pareciam pesar cada vez mais sobre os ombros dos meus colegas.

“Tô ‘brocha’... tem quinze dias que eu não faço [sexo]”, Augusto fala em um tom sério, e eu debocho de seu diagnóstico: “quinze dias inteiros?”. Jonathan ri de meu comentário, mas Augusto insiste: “é cansaço, idade, trabalho...” Ele lembra que acorda às três da manhã todo dia, e que seu eu ficasse lá um dia de manhã veria

como é. “*Você já dá pra ter uma idéia com o que você vê da gente aqui, né?*”, ele diz. Jonathan puxa para Pablo: “*ó, o Pablo todo dia faz; por isso tá doente assim, cansado*”. Eles riem; estão todos cansados, e brincam com isso.

“*Hoje o Augusto vai bater no vidro a viagem toda. Hoje tu vai levar cabeçada dele, Pablo, olha só a cara de sono.*” Pablo comenta virado para mim: “*essa hora nós já tamo assim, tudo zumbi, molenga, dormindo em pé, batendo cabeça...*” Augusto conta que costumava dormir na modeladora, quando trabalhava de madrugada (isto é, dormia em pé durante o serviço, enquanto deveria passar os pães pela modeladora). “*De vez em quando ia um dedo lá*” (um dedo era puxado pela máquina). Pablo conta que uma vez dormiu em pé e ficou “dando tchau” na frente da modeladora: “*é que eu sonbei que era um cantor e tava assim no palco [faz o gesto]... putz, aí, fui zoado na hora!*”. Outros padeiros se utilizavam de instrumentos mais diretos que o riso para regular o sono de seus companheiros, como indica Augusto: “*tinha um que quando via que tava dormindo, um padeiro ia lá e cortava o braço do cara com gilete, jorrava sangue. Ele ia lá e ‘tchá!’. Esse era foda*”.

A insuficiência da folga no que se refere à recuperação física é algo que aparece de forma recorrente e merece destaque, nesse sentido. Por um lado, não é possível descansar plenamente no dia em que não se trabalha na padaria; por outro, não sendo possível uma plena recuperação, o trabalho fica também afetado pelo cansaço. Na medida em que o tempo disponível não é suficiente para que se recuperem as energias, produz-se uma simbiose entre o trabalho, que se estende pelo dia livre na forma de esgotamento, e o descanso, que retorna sobre as formas de exaustão e sono no ambiente de trabalho, como demonstram as anedotas contadas por Pablo e Augusto, em uma constante negociação do que seriam as fronteiras que definem essas dimensões da existência¹⁸.

Os efeitos da insuficiência da folga se fazem notar de maneiras ainda mais sutis no que diz respeito ao ritmo de trabalho quando visto em relação à passagem do tempo. Foquemos apenas o caso dos quatro padeiros da Padaria Serrana: Pablo folga na terça; Jonathan, na quarta; eu folgaria na quinta; e

¹⁸ Leite Lopes apresenta uma situação semelhante na usina de açúcar, onde o sono “*está como que incorporado à própria condição do profissionalista*” (1978: 77) e aparece relacionado a um aspecto de monotonia do seu trabalho de vigilância sobre as máquinas e o “material do homem”. Consideradas as diferenças e especificidades de cada contexto, ambos os casos apontam a interpenetração do que seriam as esferas “doméstica” e “do trabalho”, bem como a relação fundamental e não evidente entre a reprodução do processo de produção e a reprodução fisiológica e social do trabalhador.

Augusto, na sexta. Quando Pablo volta depois de um dia de “descanso”, encontra apenas Augusto e eu. Não podemos contar com Jonathan, neste dia, mas o número de pães a serem feitos é o de costume. Precisamos produzir a mesma quantidade de pães com um padeiro a menos. Pablo não está totalmente recuperado, mas já retorna tendo que suprir a ausência de seu colega (sem contar que eu era apenas um novato que pouco contribuía, de fato, de meio dia até as 14h, quando os demais iam embora e eu ficava fornecendo os pães que eles produziram pela manhã). No dia seguinte, é Jonathan quem retorna, ainda cansado, tendo que suprir minha ausência, e assim por diante. Se somos quatro padeiros e a semana tem sete dias, somente em três dias a produção conta com todos os seus braços. Nos outros quatro, isto é, na maior parte do tempo, estamos trabalhando em um ritmo acelerado, porque algum de nós não está lá, sem termos conseguido descansar o suficiente. Uma espécie de princípio de mais-valia que se baseia justamente na (ou que visa compensar a) concessão de um dia de descanso ao trabalhador (mais especificamente, na distribuição desses dias de descanso entre os trabalhadores de forma individual e espalhada). Mesmo, portanto, quando a folga diz respeito ao domínio do que seria estritamente privado ou individual, a recuperação do próprio organismo fisiológico, ela ainda assim se mostra indissociável do trabalho e da produção.

Sentidos de *trabalhador*

Antes de encerrar a discussão, expostos os principais lugares que a folga ocupa no cotidiano de trabalho da padaria, segundo os sentidos a ela atribuídos pelos que ali trabalham, me parece importante levantar mais explicitamente uma questão: por que essas pessoas se submetem a isso? Por que aceitam trabalhar tanto com tão pouco tempo para si? Essa é uma pergunta delicada do ponto de vista metodológico, mas deve ser abordada aqui. Creio ser possível tratá-la de maneira produtiva se, ao invés de formulá-la com vistas a julgar pessoas ou impor uma agenda de conscientização política de agrado do pesquisador, a utilizarmos como mote para levar a análise mais adiante e complementar o que foi exposto até aqui.

É muito provável que, se perguntados diretamente, os próprios trabalhadores das padarias que tomei como objeto de investigação dessem uma resposta curta, mas não pouco complexa: imagino que diriam que trabalham tanto porque “precisam”, simplesmente. Esta provável resposta diz mais do que parece, e aponta alguns caminhos importantes de análise. “Precisar” é uma categoria de uso corrente entre setores populares no Brasil, nas quais se incluem os

trabalhadores analisados aqui, e se refere ao dinheiro advindo do trabalho, sem dúvidas, mas vai além. Perseguir os sentidos envolvidos nesse “precisar” nos leva a discutir um aspecto fundamental da maneira como concebem suas vidas essas pessoas, que é a questão da valorização simbólica do trabalho e do esforço individual. Sem esta dimensão, muito do que foi exposto até aqui sobre os lugares da folga permanece incompleto.

Para abordar este tema, retornemos brevemente às conversas entre os padeiros: entre aquele cansaço crônico e planos para o futuro, nem sempre os assuntos entre eles remetiam diretamente ao trabalho na padaria. Ainda assim, essas conversas eram importantes no sentido de moldar simbolicamente uma noção do esforço e do trabalho como valores fundamentais, especialmente se observarmos o contraste estabelecido entre os personagens nas narrativas.

“*Aí, na moral... se eu fosse prefeito eu ia tacar uma bomba no [nome de uma favela]. Não ia fazer falta nenhuma! 99% é ladrão, é traficante. Na moral. Só querem saber de roubar, não descem o morro pra trabalhar não*”. Augusto concorda: “*Não tem que ter dó, não. Roubou tem que matar. Tem que ser assim mesmo...*”. “*Eu vejo isso com a minha própria mãe*”, diz Jonathan em outro momento.

“*...vou te falar. Meu irmão tá metido aí com esse lance, droga, tráfico... Aí que que acontece, dá merda, os homem tão atrás dele, ele bate na porta da minha mãe, “mãe, a senhora tem que me ajudar”, e ela tem coração mole, né, aí fica lá até baixar a poeira*¹⁹. *Lá em casa ele não bate que sabe que eu não vou abrir. Ele vai na minha mãe porque sabe que ela na hora abre, acha que ele vai mudar. Não tem jeito não, já falei pra ela. O dia que pegarem ele vai ser uma benção na nossa vida. Teve a mesma criação que eu, podia tá ralando, trabalhando. Na moral, não tenbo pena não. Não foi por falta de oportunidade. É meu irmão, mas aí maluco, só dando tiro mesmo. Vai ser uma benção.*”

Pablo e Augusto concordam e reforçam a opinião do colega. “*Tô ligado, é isso mesmo... Na moral, com todo respeito, pode ser teu irmão, mas não tem jeito não.*”

Ainda que não se refiram explicitamente a seu cotidiano na padaria, é importante observar como nesses assuntos se elaboram noções como *vagabundo*, *ladrão* e *traficante*, que são manipuladas em contraposição à categoria *trabalhador* de modo a basear toda uma inclinação e disposição ao trabalho quase que como um antídoto a estes destinos. Essa articulação aparece em diversos momentos, como no relato de uma balconista sobre sua preocupação com a criação da filha

¹⁹ Até que a situação se acalmasse.

e seu orgulho em vê-la hoje uma administradora de empresas formada e atuante como sócia de um empreendimento. *“Se dependesse do pai tava na rua, hoje. Ele não queria que ela fizesse nada, que mulher tinha que ficar em casa. Que que ela faria da vida hoje? Eu fiz questão de botar ela em tudo que eu podia, escola, inglês... até pro coral ela foi.”* Ou, ainda, no caso-limite, e talvez por isso mesmo tornado alvo de riso pelos demais, de Augusto, que dizia que recusaria qualquer tipo de aposentadoria porque, sendo este um dinheiro “do governo”, “daria azar”. Impossível não remeter essa construção de uma oposição entre trabalhador e vagabundo/ladrão/etc., por fim, à maneira como se apropriam da rotatividade dos balconistas: o orgulho em “aguentar”, em contraposição a uma idéia de *desistência*, bem como os marcadores elencados na estigmatização dos novatos: “não queria trabalhar”, “preguiçoso”, “folgado” etc.

Associadas às anedotas compartilhadas e às reflexões sobre o próprio desgaste, essas oposições parecem compor um diálogo em que se negociam posturas e atitudes esperadas e rechaçadas em relação à vida e à construção de si enquanto pessoa através do trabalho. Dessa forma, parecem constituir um importante suporte ideológico que confere significado às adversidades de seu dia-a-dia. Talvez seja nesse sentido que se deva considerar a persistência – teimosa aos meus olhos – de Henrique, mesmo quando não parecia haver muita perspectiva de melhora das condições em que trabalhava nem da sua própria posição dentro da padaria. Ou de Milton, ajudante de cozinha que, ao perceber que seu nariz sangrava enquanto mexia um enorme panelão de massa cozida, ao meu lado, me perguntou o que eu achava daquilo, dizendo ter ouvido falar que se tratava de um *“sinal de saúde”*, recusando-se a fazer uma pausa e seguindo até que seu expediente se encerrasse, algumas horas depois. Articulado à alta rotatividade encontrada nessas padarias e à ameaça de desemprego que assombra essas pessoas, creio ainda que esse seja um fator importante, embora não determinista, para compreendermos certa “naturalização” – que se revela bastante construída, como vimos – das condições de trabalho em que se inserem e a ausência de uma organização e luta políticas maiores para alterá-las²⁰.

²⁰ Aspecto pelo qual parecem se diferenciar o caso pesquisado aqui e trabalhos como os de Guiamet, que relata uma denúncia e uma ação, por segmentos do sindicato de empregados do comércio, a respeito da extensão da carga horária no setor e que tinha como eixo central a reestituição do descanso dominical (Guiamet, 2014 e 2017).

Considerações finais

Alterar um dia de folga, voltando ao caso que introduziu a discussão, não é apenas adiar ou adiantar um dia de descanso nas folhas de um calendário, e creio que seja possível, agora, compreender melhor o que envolvia a mágoa de Henrique. Trata-se de uma ação com potencial de afetar de forma significativa as possibilidades de ação daqueles envolvidos e atingir de maneira sensível uma dimensão moral envolvida no trato cotidiano entre sujeitos que se relacionam em um ambiente de trabalho e revelada nessas situações. O produto da manobra é visto, assim, sob a ótica de uma privação: seja de se recuperar as energias, de se conviver com o marido, de cuidar da casa, de “resolver as coisas” ou de se fazer um curso que poderia alterar seu campo de possibilidades (Velho, 2003) de modo a, talvez, “libertar-se” da *prisão*, a metáfora recorrente nas falas de balconistas e funcionários da produção.

Partindo de uma situação vivenciada em campo e de um forte contraste entre o que sugeria um balconista sobre sua atividade e a minha própria percepção do que estava acontecendo, procurei, neste artigo, explorar e sistematizar a multiplicidade de sentidos que a folga revela sob a perspectiva dos trabalhadores de algumas padarias no Rio de Janeiro. Muito além do descanso, da recuperação das energias necessária à reprodução fisiológica da força de trabalho, estão em jogo: a mediação entre seu trabalho e outros aspectos de suas vidas; a explicitação dos papéis desempenhados por cada um, evidenciando a extraoficialidade das hierarquias correntes, bem como sua consolidação ou perturbação; uma dimensão de perigo causada pela ausência, que se manifesta de diferentes maneiras; e o reverso desse perigo, a oportunidade que a ausência de outros oferece, seja para mudar de posição, seja para efetivar-se no cargo. Uma vez explorados esses sentidos talvez menos intuitivos da folga, a questão do descanso é retomada. Trata-se, afinal, de um aspecto fundamental e eixo privilegiado que, explorado etnograficamente, nos permite ir além dos limites espaciais e temporais do trabalho em padarias, problematizando fronteiras que se estabelecem correntemente, seja no senso comum ou em certas análises sociológicas, entre descanso e trabalho, reprodução da força de trabalho e produção de valor e mais-valia, sono e atividade, casa e local de trabalho.

Para concluir, uma análise de determinados sentidos de ser um *trabalhador* vinculados sobretudo à valorização do esforço individual e cunhados em oposição ao *vagabundo* e ao *bandido*. Ainda que esses sentidos pareçam não se relacionar diretamente ao tema das folgas, eles nos permitem iluminar um contexto maior de significação no qual se inserem as estratégias e concepções

elaboradas por aquelas pessoas e sem o qual não se pode compreender a fundo o que se passa naquelas padarias.

Referências bibliográficas

- Barbosa, Livia Neves de Holanda. (1984) “Porque hoje é sábado.... um estudo das representações dos dias da semana”. Boletim do Museu Nacional, Nova Série, Antropologia n. 49
- Beaud, Stephane; Pialoux, Michel (2009). *Retorno à condição a operária: investigação em fábricas da Peugeot na França*. São Paulo: Boitempo
- Bertaux, Daniel; Bertaux-Wiame, Isabelle. (1980) *Une enquête sur la boulangerie artisanale*, Paris, Rapport Final
- Bertaux, Daniel; Bertaux-Wiame, Isabelle (1987) “Mistérios da Baguete – Padarias Artesanais na França: como vivem e por que sobrevivem”. In *Novos Estudos Cebrap*, no 19, São Paulo
- Carrico, Antônio de Salvo. (2011) *Segredos de profissão: notas etnográficas de um aprendiz de padeiro*. Dissertação de mestrado. Museu Nacional, UFRJ. Rio de Janeiro. Documento eletrônico: <http://objdig.ufrj.br/72/teses/757199.pdf>
- Carrico, Antônio de Salvo. (2012) “Uma abordagem etnográfica do ensino profissionalizante” en: *Illuminuras*, v. 13, 2012. pp. 280-292. Documento eletrônico: <http://seer.ufrgs.br/index.php/illuminuras/article/download/27946/pdf>
- Carrico, Antônio de Salvo. (2013) “De(s)ilusões biográficas”, en: LEITE LOPES, José Sergio; CIOCCARI, Marta (comps). *Narrativas da desigualdade: memórias, trajetórias e conflitos*. Rio de Janeiro, Mauad.
- Carrico, Antônio de Salvo. (2016a) *Chapa quente: perspectivas etnográficas sobre o trabalho em padarias*. Rio de Janeiro, UFRJ/Museu Nacional
- Carrico, Antônio de Salvo. (2016b) “Configurações hierárquicas em um balcão de padaria” en: *Revista Theomai*. Buenos Aires. Documento eletrônico: http://revista-theomai.unq.edu.ar/NUMERO_33/5.%20Art_Carrico.pdf acceso 12 de julio de 2016
- Carrico, Antônio de Salvo. 2017) “Histórias, sentidos de vida e relações de trabalho: a trajetória e o cotidiano de um balconista de padaria”. *Etnografias contemporâneas*, Ano 3, N° 4, pp.176-198. Documento eletrônico: <http://www.unsam.edu.ar/revistasacademicas/index.php/etnocontemp/article/download/219/241>

- Carriço, Antônio de Salvo. (2018) “Sensibilidades técnicas e práticas etnográficas”. In: Cioccarri, Carriço, Coutinho e Gomes (comps) *Etnografias, engajamentos e subjetividades*. Rio de Janeiro, iVentura
- Elias, Norbert; Scotson, John L. (2000) *Os estabelecidos e os outsiders: sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Foote Whyte, William (1948) *Human relations in the restaurant industry*. New York, McGraw-Hill Book Co.
- Guiamet, Jaime (2014) “Nunca en domingo”. Consideraciones sobre el descanso dominical en el gremio de Empleados de Comercio de Rosario”. *Revista Realidad Económica*, N°285: 58-78.
- Guiamet, Jaime (2017) “Favor por favor”: estrategias de organización horaria en una empresa multinacional de supermercados en la ciudad de Rosario (2007-2014). *Ruma, archivo para las ciencias del hombre* /38.2 [5-20] julio-diciembre.
- Leite Lopes, José Sergio (1978) *O vapor do Diabo: o trabalho dos operários do açúcar*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2° ed.
- Linhart, Robert (1980). *Greve na Fábrica*. Rio de Janeiro, Paz e Terra.
- Neiburg, Federico (1988). *Fábrica y Villa Obrera: Historia social y antropológica de los obreros del cemento*. Buenos Aires: CEAL.
- Roy, Donald F. (1953). “Work Satisfaction and Social Reward in Quota Achievement: An Analysis of Piecework Incentive”, *American Sociological Review*, XVIII October, pp. 507- 514.
- Velho, Gilberto (2003) *Projeto e Metamorfose: Antropologia das Sociedades Complexas*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar
- Weber, Florence (2009) *Trabalho fora do trabalho: uma etnografia das percepções*. Rio de Janeiro: Garamond.
- Weil, Simone (1979). *A condição operária e outros escritos sobre a opressão*. Rio de Janeiro, Paz e Terra.
- Willis, Paul (1991). *Aprendendo a ser trabalhador*. Porto Alegre: Ed. Artes Médicas.